Iluminuras
Artur Rimbaud

DEPOIS DO DILÚVIO

Assim que a idéia do Dilúvio sossegou,

Uma lebre se deteve entre trevos e campânulas cambiantes, e fez sua prece ao arco-íris, através da teia de aranha.

Oh! as pedras preciosas que se escondiam, — e as flores que já olhavam.

Na grande rua suja açougues se abriram, e barcos foram lançados nos degraus do mar lá no alto como nas gravuras.

O sangue correu, no Barba-Azul, — nos matadouros, — nos circos, onde o selo de Deus empalidecia as janelas. O sangue e o leite correram.

Castores construíram. “Mazagrans” enfumaçaram os botecos.

Na imensa mansão de vidros ainda gotejantes, meninos de luto admiram imagens maravilhosas.

Uma porta bateu, — e sobre a praça da vila, o menino girou os braços, compreendidos os cata-ventos e galos dos campanários de toda parte, sob um temporal cintilante.

Madame *** instalou um piano nos Alpes. A missa e as primeiras comunhões foram celebradas nos cem mil altares da catedral.

As caravanas partiram. E o Splendide-Hotel foi erguido no caos de gelo e da noite polar.

Desde então, a Lua ouviu o uivo dos chacais nos desertos de timo, — e écoglas de tamancos grunhindo no pomar. Depois, na floresta violeta, florescente, Êucaris me disse que era a primavera.

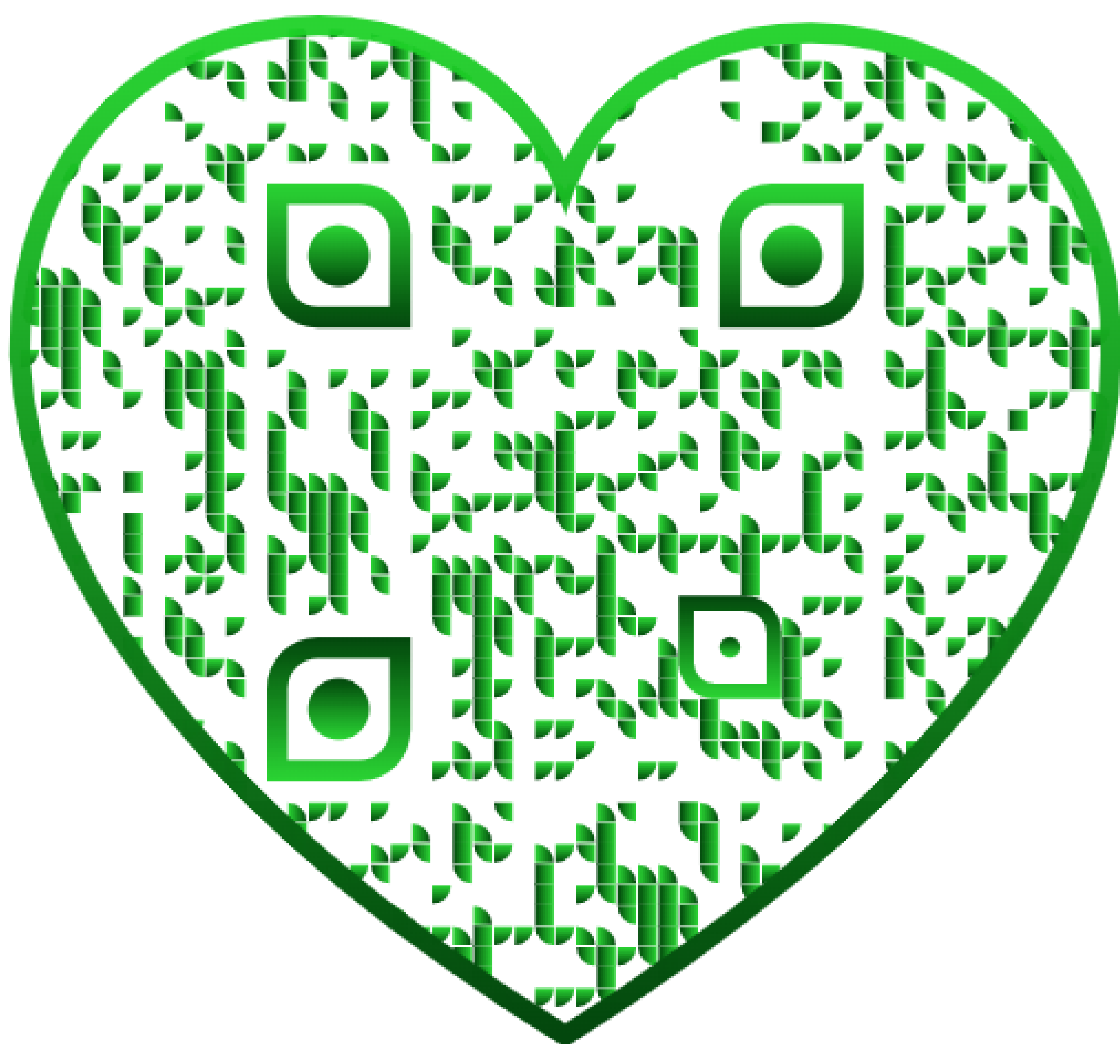
— Lago, salte, — Espuma, role sobre aponte e por cima desses bosques; — panos negros e órgãos, — trovão e raio, — subam e rolem; — águas e tristeza, subam e renovem esses Dilúvios.

Pois desde que dissiparam, — Oh as pedras preciosas se enterrando, e as flores se abrindo! — tudo é um tédio! E a Rainha, a Feiticeira que acende sua brasa num pote de barro, não vai querer jamais nos contar tudo o que sabe, e que nós ignoramos.

INFÂNCIA

I

Este ídolo, de olhos negros e crina amarela, sem pais nem corte, mais nobre do que fábulas, mexicanas e flamengas; seu domínio, arrogância verdeazul, se



espraia por praias batizadas, por ondas sem navios, com ferozes nomes gregos, celtas, eslavos.
Nos confins da floresta — flores de sonho tilintam, explodem, resplendem, — menino de lábios laranja, cruzando as pernas no dilúvio branco que brota dos prados, sua nudez em sombra, de viés, vestida de arco-íris, mar, e flora.
Damas que giram nos terraços à beira-mar; infantas e gigantas, negras e soberbas no musgo verdegris, jóias eretas no solo fértil dos bosquezinhos e jardinzinhos em degelo — mães jovens e irmãs mais velhas, cheias de olhares peregrinos, sultanas, princesas de trajes e passos tirânicos, estrangeirinhas e pessoas docemente infelizes. Que tédio, a hora do "que corpo" e do "meu bem".

II
É ela, a pequena morta, atrás das roseiras. — A jovem mãe já falecida desce a sacada. — A carruagem do primo grita sobre o — O irmãozinho está (lá na Índia!) diante do poente, num campo de cravos.— Os velhos foram sepultados em pé na muralha de alelises.
O enxame de folhas douradas rodeia a mansão do general. Eles estão no Sul. — Segue-se a rua vermelha até chegar ao albergue vazio, O castelo está a venda, as persianas estão caindo. — O padre deve ter levado a chave da igreja. — Ao redor do parque, as casas dos vigias estão vazias.
As paliçadas são tão altas que só se vê os cimos sussurrando. Além disso, não há nada lá dentro para ser visto.

prados remontam às vilas sem galos, sem bigornas. A represa está aberta. Ó os Calvários e os moinhos do deserto, as ilhas e as moendas.
Flores mágicas zumbiam. As colinas o ninaram. Bichos circulavam sobre o alto mar feito eternas lágrimas quentes.

III
Nos bosques tem um pássaro, você pára e cora com seu coro.
Tem um relógio que não toca nunca.
Tem uma brecha no gelo com um ninho de bichos brancos.
Tem uma catedral que sobe e um lago que desce.
Tem uma pequena carruagem abandonada na moita, ou que passa correndo, decorada.
Tem uma trupe em trajes de comédia, espiada pela trilha da floresta.

E então, quando você tem fome e sede, tem sempre alguém que te manda passear.

IV

Eu sou o santo, rezando no terraço, — como os animais pacíficos pastando junto ao mar da Palestina.

Eu sou o sábio na poltrona sombria. Os galhos e a chuva se jogam contra a vidraça da biblioteca.

Eu sou o andarilho da grande estrada entre os bosque anões; o rumor das represas cobre meus passos. Me demoro vendo a triste fuligem dourada do pôr-do-sol.

Eu bem podia ser a criança abandonada no cais de partida pro alto mar, o caipira rodando as alamedas, sua cabeça roçando o céu.

Os caminhos são ásperos. Montesinhos se enchem de giestas. O ar está parado. Que longe os pássaros e as fontes! Isso só pode ser o fim do mundo, avançando.

V

Que me aluguem enfim este túmulo caiado, com linhas de cimento em relevo — bem fundo na terra.

Cotovelos na mesa, a lâmpada ilumina muito bem esses jornais que releio de idiota, esses livros sem interesse. —

A uma distância enorme acima da minha sala subterrânea, casas se enraízam, brumas se reúnem. A lama é vermelha ou negra. Cidade monstro, noite sem fim!

Menos alto, os esgotos. Dos lados, apenas espessura do globo. Talvez abismos de azul, poços de fogo. São talvez nestes níveis que luas e cometas, fábulas e mares, se encontrem.

Nas horas amargas, imagino bolas de safira, de metal. Eu sou o mestre do silêncio. Por que uma aparência de respiradouro desbotaria num canto da abóbada?

CONTO

Um Príncipe se aborrecia por só se dedicar a perfeição de generosidades vulgares. Ele previa estonteantes revoluções do amor, e desconfiava que suas mulheres pudessem bem mais que uma complacência enfeitada de céu e luxo. Queria ver a verdade, a hora do desejo e da satisfação essenciais. Fosse ou não uma aberração de piedade, ele queria. Pelo menos ele tinha um grande poder humano.

Todas as mulheres que o conheceram foram assassinadas. Saque no jardim da beleza! Sob o sabre, elas o abençoaram. Ele nem encomendava outras.

— As mulheres reapareciam.

Ele matou todos que o seguiam, depois da caça ou das librações.
— Todos o seguiam.
Ele se divertiu degolando os bichos de luxo. Mandou incendiar palácios. Avançava nas pessoas e as decepava em pedaços. — A multidão, os telhados dourados, bichos bonitos, ainda existiam.
Pode alguém se extasiar na destruição, rejuvenescer na crueldade! O povo não murmurou. Ninguém se ofereceu ao concurso de suas vistas.
Uma noite ele cavalgava confiante. Um Gênio surgiu, beleza inefável, inconfessável mesmo. De sua fisionomia e sua presença emanava a promessa de um amor múltiplo e complexo! De alegria inominável, insuportável mesmo! O Príncipe e o Gênio se aniquilaram, quem sabe, em saúde essencial. Como não morreriam disso? Eles, enfim, morreram juntos.
Mas o Príncipe morreu, em seu palácio, numa idade normal. O Príncipe era o gênio. O Gênio era o Príncipe.
Ao nosso desejo falta a música sábia.

DESFILE

Patifes sólidos. Muitos já exploram vossos mundos. Sem carências, e pouca pressa em aplicar suas brilhantes faculdades e sua experiência de vossas consciências. Que homens maduros! Olhos vidrados como noite de verão, vermelhos e negros, tricolores, aço salpicado de estrelas douradas; faces disformes, plúmbeas, pálidas, em brasa; rouquidões burlescas! os passos cruéis dos ouropéis! — Alguns são jovens, — mas como encarariam Querubim? — munidos de vozes medonhas e truques perigosos. São enviados amarrados pras cidades, fantasiados com um luxo que dá nojo.
Oh! O mais violento Paraíso da careta furiosa! Nada comparável a seus Faquires e outra tantas teatrais bufoneiras. Em trajes improvisados com sabor de pesadelo, encenam litanias, tragédias de malandros e semideuses cheios de graça, como jamais foram a história ou as religiões. Chineses, Hotentotes, ciganos, otários, hienas, Moleques, velhas demências, demônios sinistros, misturam os modos populares, maternais, com poses e ternuras bestiais.
Interpretariam peças novas, canções "para moças". Mestres jograis, eles transformam o lugar e as pessoas, e usam a comédia magnética. Os olhos ardem, o sangue canta, ossos se dilatam, escorrem lágrimas e fitas de carmim. Sua folia ou seu terror dura um minuto, ou meses inteiros.
Só eu tenho a chave desse desfile selvagem.

ANTIQUE

Gracioso filho de Pan! Em volta de tua fronte coroada de florzinhas e bagas teus olhos, gemas preciosas, se movem. Manchada de fezes cinzas, a cova das faces. Tuas presas reluzem. Teu peitinho parece uma cítara, sininhos circulam no bronze dos teus braços. Teu coração bate nesse ventre onde dorme o duplo sexo. Passeie pela noite, mexe essa coxa, docemente, mexe essa outra, e essa perna torta.

BEING BEAUTEOUS

Diante de uma neve, um Ser de Beleza de alto talhe. Sibilações de morte e os círculos de música surda levitam seu corpo adorado, e ele se expande e treme como um espectro; feridas escarlates e negras rebentam nas carnes soberbas. As cores próprias da vida ficam foscas, dançam e se desatam ao redor da Visão, sobre o estaleiro. E os frissons se elevam e rugem, e o sabor delirante desses efeitos se estocam com as sibilações de morte e as músicas roucas que o mundo, ao nosso encalço, lança sobre nossa mãe de beleza, — ela levanta, ela recua. Oh! nossos ossos revestidos por um novo corpo de amor.

***

Ó a face cinza, escudo de crina, braços de cristal! O canhão de que me atiro nessa briga das árvores com a brisa!

VIDAS

I

Ó as enormes avenidas do país santo, os terraços do templo! O que foi feito do brâmane que me explicou os Provérbios? Desde então, ainda vejo as velhas de lá! Me lembro das horas de prata e do sol rente aos rios, a mão da campina no meu ombro, de nossas carícias de pé sobre planícies de pimenta. — Um vôo de pombos escarlates troveja em volta de meu pensamento. — Exilado aqui, tive um palco onde encenar as obras-primas dramáticas de todas as literaturas. Eu te mostraria as riquezas inauditas. Observo a história dos tesouros que encontrastes. Eu vejo a seqüência! Minha sabedoria é tão orgulhosa quanto o caos. Que é meu nada, perto do estupor que te espera?

II

Sou um inventor bem mais merecedor do que todos que me antecederam, um músico mesmo, que descobriu algo assim como a clave do amor. Hoje em dia,

cavalheiro de uma campina amarga com um céu sóbrio, tento me emocionar com a lembrança da infância mendiga, da aprendizagem ou da chegada em tamancos, polêmicas, das cinco ou seis viuvezas, e de algumas bodas, onde minha cabeça dura me impediu de seguir o diapasão dos camaradas. Não choro mais minha velha porção de alegria divina: o ar sóbrio dessa campina amarga sacia e ativa meu ceticismo atroz. Mas, já que não se pode fazer uso desse ceticismo, e aliás, por estar envolvido num conflito novo, — espero virar um louco muito perigoso.

III
Num celeiro aonde me prenderam aos doze anos, conheci o mundo e ilustrei a comédia humana. Numa adega aprendi a história. Em alguma festa de noite, numa cidade do Norte, cruzei todas as mulheres dos pintores antigos. Numa velha passagem de Paris, me ensinaram as ciências clássicas,. Numa morada magnífica cercada por todo o Oriente, terminei minha imensa obra e passei meu ilustre retiro. Fermentei meu sangue. Minha dívida foi remida. Nem quero mais pensar nisso. Sou mesmo do além, e nada de mensagens.

PARTIDA
Vi demais. A visão se revia pelos ares.
Tive demais. Sons de cidade, à tarde, e ao sol, e sempre.
Soube demais. As paradas da vida. — Ó Sons e Visões!
Partida entre afetos e ruídos novos!

REALEZA
Numa bela manhã, em meio à gente doce, um homem e uma mulher soberbos gritavam pela praça pública: “Amigos, quero que ela seja rainha!” Ela ria e tremia. Ele falava aos amigos de revelação, de uma provação terminada. Eles desmaiavam um no outro.
De fato, eles foram reis por uma manhã inteira, em que tapeçarias carminadas se estenderam sobre as casas, e a tarde inteira, em que eles avançaram do lado do jardim das palmeiras.

UMA RAZÃO
Um toque de seus dedos no tambor detona todos os sons e inicia a nova harmonia.
Um passo seu é o levante de novos homens e sua marcha.
Sua cabeça se vira: o novo amor! Sua cabeça se volta, — o novo amor!

“Mude nossa sorte, livre-se das pestes, a começar pelo tempo”, cantam essas crianças. “Não importa onde, eleve a substância de nossas fortunas e desejos”, lhe imploram.
O sempre chegando, indo a todo canto.

FRASES

Quando se reduzir a um só bosque negro para nossos quatro olhos atônitos, — a uma praia para duas crianças fiéis, — a uma mansão musical para nossa clara simpatia, — vou te encontrar.
Haja aqui embaixo só um velho solitário, calmo e bonito, em meio a um “luxo incrível”, — vou estar a teus pés.
Assim que eu realize todas as tuas fantasias, — sendo eu aquela que sabe torturar-te, — vou te estrangular.

***

Quando a gente é forte, — quem se afasta? muito fresco, — quem cai no ridículo? Quando a gente é mau, que fariam de nós?
Se arrume, dance, ria, — Nunca pude mesmo jogar o Amor pela janela.

***

— Minha amiga, mendiga, criança-monstro! Pra você é tudo igual, essas mal-amadas e suas intrigas, e meu embaraço. Junte-se a nós com sua impossível voz! único bajulador desse vil desespero.
Manhã nublada, julho. Um gosto de cinzas flutua no ar; — aroma de madeira suando na lareira, — flores mofadas — a confusão dos passeios — a neblina dos canais pelos campos — agora, que tal os joguinhos e o incenso?

***

Estendi cordas de campanário, a campanário; guirlandas de janela a janela; correntes de ouro de estrela a estrela, e danço.

***

O lago lá em cima se esfuma sem cessar. Que feiticeira vai subir do poente branco? Que frondescências violetas vão descer?

***

Enquanto recursos públicos se evaporam em festas de fraternidade, um sino de fogo rosa soa nas nuvens.

***

Avivando um cheiro bom de tinta da China, uma poeira negra chove docemente em minha vigília. — Diminuo a luz do lustre, me jogo na cama, e, voltando pro lado da sombra, vejo vocês, minhas meninas! minhas rainhas!

OPERÁRIOS

Ó a morna manhã de fevereiro. O vento sul importuno veio reavivar nossas lembranças de indigentes absurdos, nossa jovem miséria.

Henrika vestia uma saia xadrez branca e marrom, em moda no século passado, uma boina com fitas e um lenço de seda. Era bem mais triste do que um luto. Dávamos um giro nos subúrbios. tempo nublado, e esse vento do Sul excitava todos os odores ruins de jardins arrasados e campos secos.

E isso parecia cansar mais a mim que à minha mulher. Numa poça deixada pela cheia o mês passado, numa trilha lá em cima, ela me mostrou alguns peixinhos.

A cidade, com suas fumaças e ruídos de ofícios, nos seguia tão longe nos caminhos. Ó outro mundo, morada abençoada por céu e sombras ! O vento Sul me fez lembrar miseráveis incidentes de infância, meus desesperos de verão, a horrível quantidade de força e de ciência que o destino sempre afastou de mim. Não! não passaremos o verão neste país mesquinho onde nada mais seremos que noivos órfãos. Quero que este braço teso não arraste mais uma imagem querida.

AS PONTES

Céus de cristal gris. Bizarro desenho de pontes, estas retas, aquelas em arco, outras descendo em ângulos oblíquos sobre as primeiras, e essas figuras se renovam nos outros circuitos iluminados do canal, mas todas tão longas e leves que as margens, cheias de cúpulas, afundam e encolhem. Algumas dessas pontes ainda estão cheias de barracas, outras sustentam mastros, sinais, frágeis parapeitos. Acordes menores se cruzam, e somem, as cordas escalam os barrancos. Distingue-se uma roupa vermelha, talvez outros trajes e

instrumentos musicais. São árias populares, trechos de concertos senhoriais, restos de hinos públicos? A água é gris e azul, larga como um braço de mar. — E um raio branco, desabando do alto do céu, aniquila esta comédia.

CIDADE

Sou um efêmero e não muito descontente cidadão de uma metrópole que julgam moderna porque todo estilo conhecido foi excluído das mobílias e do exterior das casas bem como do plano da cidade. Aqui você não nota rastros de nenhum monumento de superstição. A moral e a língua estão reduzidas às expressões mais simples, enfim! Estes milhões de pessoas que nem têm necessidade de se conhecer levam a educação, o trabalho e a velhice de um modo tão igual que sua expectativa de vida é muitas vezes mais curta do que uma estatística maluca encontrou para os povos do continente. Assim como, de minha janela, vejo novos espectros rolando pela espessa e eterna fumaça de carvão, — nossa sombra dos bosques, nossa noite de verão! — as novas Erínias, na porta da cabana que é minha pátria e meu coração, já que tudo aqui parece isto, — Morte sem lágrimas, nossa filha ativa e serva, um Amor desesperado, e um Crime bonito uivando na lama da rua.

RASTROS

À direita a aurora de verão desperta as folhas e os vapores e os ruídos deste canto do parque, e as encostas à esquerda retêm em sua sombra violeta os mil rastros rápidos da trilha úmida. Desfile de feitiços. De fato: carros carregados de animais de madeira dourada, de mastros e telas de cores berrantes, no grande galope de vinte cavalos de circo malhados, e os meninos, e os homens sobre seus mais incríveis animais; — vinte veículos, corcundas, com bandeiras e flores como as carroças antigas ou dos conto de fadas, cheias de crianças enfeitadas para uma pastoral suburbana. — Até caixões sob seus dosséis noturnos ostentando penachos de ébano, na cadência do trote de grandes éguas azuis e negras.

CIDADES

Que cidades! É um povo para o qual foram montados Apalaches e Líbanos de sonho! Chalés de cristal e madeira deslizam sobre trilhos e polias invisíveis. Crateras ancestrais circundadas de colossos e palmeiras de cobre rugem melodiosamente dentro dos fogos. As festas do amor badalam nos canais

suspensos atrás dos chalés. Matilhas de sinos gritam nas gargantas. Associações de cantores gigantes chegam em trajes e adereços cintilantes como a luz nos cimos. Sobre as plataformas, em meio a precipícios, os Rolands buzinam sua bravura. Sobre as passarelas do abismo e os tetos dos albergues, o arder do céu hasteia os mastros. O colapso das apoteoses concentra os campos das alturas onde centaurinas seráficas evoluem entre as avalanches. Acima do nível das mais altas cristas, um mar atormentado pelo eterno nascimento de Vênus, repleto de frotas orfeônicas e do murmúrio de pérolas e conchas preciosas, — às vezes o mar se escurece com brilhos mortais. Nas encostas, safras de flores imensas bramem como nossas armas e taças. Cortejo de Mabs em robes russos, opalinas, trepam nas ravinas. E lá em cima, as patas nas sarças e cascatas, cervos sugam os seios de Diana. bacantes de subúrbio soluçam e a lua queima e uiva. Vênus penetra nas cavernas de ferreiros e eremitas. Torres de sinos cantam as idéias das pessoas. A música desconhecida escapa dos castelos de osso. Todas as lendas evoluem e élans invadem os burgos. O paraíso de tempestades despedaça. Selvagens dançam sem cessar a festa da noite. E, uma hora, desci na agitação de um bulevar em Bagdá onde companhias cantaram a alegria do trabalho novo, sob uma brisa espessa, circulando sem poder iludir os fantasmas fabulosos dos montes, onde se devia reencontrar.

Que braços bons, que hora adorável vão me devolver essa religião de onde vêm meus sonos e meus movimentos mais sutis?

VAGABUNDOS

Irmão miserável! Quantas vigílias atrozes eu lhe devo! “Eu não me entregava com fervor a este negócio. Caçoava de sua doença. Por minha culpa voltaríamos ao exílio, à escravidão”. Ele me achava um pé frio, e de uma inocência bizarra demais, e adicionava razões inquietantes.

Eu respondia rindo deste doutor satânico, e acabava ganhando a janela. Eu criava, além do campo atravessado por bandas de música rara, os fantasmas do futuro luxo noturno.

Depois dessa distração ligeiramente higiênica, me deitava numa esteira. E, quase toda noite, assim que dormia, o pobre irmão se levantava, boca podre, olhos esbugalhados, — como ele se sonhava! — e me arrastava pela sala, uivando o sonho de sua mágoa idiota.

Eu tinha prometido, de fato, do fundo do coração, recuperar seu estado primitivo de filho de Sol, — e vadiávamos, alimentados pelo vinho das cavernas e pelo biscoito do caminho, eu com pressa de achar o lugar e a fórmula.

CIDADES

A acrópole oficial excede as mais colossais concepções da barbárie moderna. Impossível exprimir o dia fosco produzido por este céu imutavelmente cinza, o brilho imperial dos edifícios, e a neve eterna do chão. Com um gosto singular para o exagero, todas as maravilhas clássicas da arquitetura foram reproduzidas. Assisto a exposições de pintura em locais vinte vezes mais vastos que Hampton Court. Que pintura! um Nabucodonosor norueguês mandou construir as escadarias dos mistérios; os funcionários que pude ver são mais arrogantes que ***, e tremi ante o aspecto dos guardas dos colossos e dos mestres-de-obras. Com o agrupamento de edifícios em Squares, pátios e jardins privados, eles dispensaram os cocheiros. Os parques representam a natureza primitiva trabalhada com arte soberba. O bairro alto tem partes inexplicáveis: um braço de mar, sem barcos, estende sua toalha de granizo azul entre o cais estocado de candelabros gigantes. Uma pequena ponte conduz à uma passagem secreta logo abaixo da cúpula da Saint-Chapelle. Essa cúpula é uma armação artística de aço com cerca de quinze mil pés de diâmetro.

Em alguns pontos das passarelas de cobre, das plataformas, das escadarias que contornam os mercados e os pilares, acreditei ter uma idéia da profundidade da cidade! Eis o prodígio que não pude explicar: quais os níveis dos outros bairros acima ou abaixo da acrópole?

Para o estrangeiro de nosso tempo, o reconhecimento é impossível. O bairro comercial é um circus num só estilo, com galerias em arcos. Não se vêem mais as lojas, mas a neve na calçada está pisada; alguns nababos, tão raros como os passeantes em Londres domingo de manhã, dirigem-se a uma diligência de diamantes. Alguns divãs de veludo vermelho: bebidas polares são servidas a um preço que varia de oitocentas a oito mil rúpias. À idéia de procurar teatros nesse circus, me respondo que essas lojas devem conter os dramas mais sombrios. Acho que há uma polícia. Mas a lei deve ser tão estranha que desisto de fazer uma idéia dos aventureiros daqui.

O subúrbio, tão elegante quanto uma rua bonita de Paris, é privilegiado por um ar de iluminação. O elemento democrático totaliza algumas centenas de almas. Lá também as casas não vêm numa seqüência; o subúrbio se perde bizarramente no campo, o "Condado" que enche o ocidente eterno de florestas e plantações prodigiosas onde os cavalheiros selvagens caçam suas crônicas sob a luz que se criou.

VIGÍLIAS

I

É o descanso iluminado, nem febre nem langor, na cama ou no prado.
É o amigo nem frágil nem ardente. O amigo.
É a amada nem torturadora nem torturada. A amada.
O ar e o mundo a se buscar. A vida.
— Então era essa?
E o sonho refresca.

II

A iluminação volta à árvore de cimento. Dos dois extremos da sala, quaisquer cenários, elevações harmônicas se juntam. A muralha diante do vigia é uma sucessão psicológica de cortes de frisos,zonas atmosféricas e de acidências geológicas. — Sonho intenso e rápido de grupos sentimentais com seres de todos os caracteres em meio a todas as aparências.

III

As lâmpadas e os tapetes da vigília simulam o rumor de ondas, de noite, ao longo do casco e ao redor do steerage.
O mar da vigília são como os seios de Amélia.
As tapeçarias, à meia altura, matas de tricô tingidas de esmeralda, onde se atiram as pombas da vigília.
A placa negra da lareira, sóis reais das praias: Ah! poços de magia; única visão da aurora, agora.

MÍSTICA

No declive da escarpa anjos giram suas togas de lã sobre relvas de aço e esmeralda.
Prados de chamas saltam até as mamas dos montes. À esquerda, o humo dos sulcos é pisado por todos os homicidas e todas as batalhas, e todos os ruídos do desastre traçam sua curva. Atrás do sulco à direita, a linha dos orientes, dos progressos.
E enquanto a faixa no alto do quadro se forma do rumor giratório e saltitante das conchas do mar e das noites humanas, a doçura florida das estrelas e do céu e do resto desce diante da escarpa, como um cesto, — contra nossa face, e faz um abismo azul em flor lá embaixo.

AURORA

Eu abracei a aurora de verão.

Nada ainda se mexia na fachada dos palácios. A água estava morta. Acampamentos de sombras não deixavam a trilha do bosque. Eu marchava, despertando hálitos vivos e cálidos, e as pedrarias espiavam, e as alas se levantavam sem um som.

A primeira missão foi, num atalho já cheio de centelhas frescas e pálidas, uma flor que medisse seu nome.

Sorri para a loira wasserfall que se descabelava através dos pinheiros; reconheci a deusa no cimo de prata.

Então, um a um, levantei os véus. Nas alamedas, agitando os braços. Pela planície, onde a denunciei ao galo. Na cidade grande ela fugia entre cúpulas e campanários, e correndo como um mendigo entre docas de mármore, eu a caçava.

No alto da trilha, perto de um bosque de louros, eu a envolvi com seu monte de véus, e senti um pouco seu corpo imenso. A aurora e a criança caíram na beira do bosque.

Ao acordar, meio-dia.

FLORES

De um degrau de ouro, — entre cordões de seda, gazes grises, veludos verdes e discos de cristal que escurecem como bronze sob o sol, — vejo a digital se abrir num tapete de filigranas de prata, de olhos e cabelos.

Peças de ouro amarelo semeadas sobre a ágata, pilares de mogno sustentando uma cúpula de esmeraldas, buquês de branco cetim e hastes sutis de rubis rodeiam a rosa d'água.

Como um deus de enormes olhos azuis e jeitos de neve, o céu e o mar atraem aos terraços de mármore a turba de rosas jovens e fortes.

NOTURNO VULGAR

Um sopro abre fendas operádicas nas paredes, — embaralha o eixo dos tetos podres, — dispersa os limites dos foyers, — eclipsa vidraças. — Pelas videiras, apoiando o pé numa gárgula, — desci nesse coche de uma época bem indicada pelos espelhos convexos, almofadas bojudas e sofás distorcidos. Carro funerário do meu sono, solitário, casa de pastor de minha tolice, o veículo vira sobre o mato da grande estrada desaparecida: e num defeito no alto do espelho, à direita, giram pálidas figuras lunares, folhas, seios; — Um verde e um azul escuros invadem a imagem. Desatrelagem perto de uma

mancha de cascalho.
— Aqui vão assoviar às tempestades, e às Sodomas, — e às Solimas, — e aos animais ferozes e aos exércitos,
— (Postilhões e animais de sonho vão voltar sob as matas mais sufocantes para me afogar até os olhos na nascente de seda) — E a nos enviar, açoitados por ondas crispadas e bebidas derramadas, rolando entre latidos de dogues...
— Um sopro dispersa os limites do foyer.

MARINHA

As carroças de cobre e prata —
As proas de prata e aço —
Espalmam espumas, —
Esgarçam maços de sarças.
As correntezas da roça,
E os sulcos imensos do refluxo,
Fluem em círculos rumo a leste,
Rumo às hastes da floresta, —
Rumo aos fustes do quebra-mar,
Cujo ângulo é ferido por turbilhões de luz.

FESTA DE INVERNO

A cascata canta atrás das barracas da ópera-cômica. Girândolas se prolongam, nos quintais e nas aléias vizinhas ao Meandro, — os verdes e rubros do crepúsculo. Ninfas de Horácio com perucas do Primeiro Império, — Cirandas Siberianas, Chinesas de Boucher.

ANGÚSTIA

Será possível que Ela me faça perdoar as ambições continuamente esmagadas, — que um final feliz compense os anos de indigência, — que um dia de sucesso nos adormeça sobre o vexame de nossa fatal incompetência.
(Ó aplausos! diamante! — Amor! força! — maiores do que glórias e alegrias! — de qualquer jeito, por toda parte, — demônio, deus — Juventude deste ser; eu!)
Que os acidentes de feitiços científicos e os movimentos de fraternidade social sejam queridos como a restituição progressiva da sinceridade primeira?...
Mas a Vampira que nos faz gentis nos manda divertir com o que ela deixa, ou

então que fiquemos mais malandros.
Rolar até ferir, pelo ar e pelo mar exaustos; até os suplícios, pelo silêncio do ar e das águas mortais; até as torturas de riso, em meu silêncio atrozmente murmurante.

METROPOLITANO

Do estreito de índigo aos mares de Ossian, sobre o laranja e o rosa da areia que banhou o céu bordô, acabam de subir e se cruzar bulevares de cristal habitados de repente por jovens famílias pobres que se alimentam nas quitandas. Nada de riqueza. — A cidade!
Fogem direto do deserto de betume em debandada, com lençóis de névoas escalonadas em bandos pavorosos no céu que se recurva, recua e desce feito da fumaça mais sinistra que o Oceano de luto possa produzir, elmos, rodas, barcos, ancas. — A batalha!
Levanta a cabeça: esta ponte de madeira, pensa; as últimas hortas da Samaria; essas máscaras iluminadas sob a lanterna fustigada pela noite fria; ondina tonta em vestes farfalhantes, no leito do rio; esses crânios luminosos com estacas de ervilhas — entre outras fantasmagorias — a campina.
Trilhas tricotadas de grades e muros, contendo a força seus pequenos bosques, e flores atrozes que trazem nomes de dores e amores, Damasco danado de langores, — possessões de aristocracias feéricas ultra-Renanas, Japonesas, Guaranis, prontas agora para receber a música dos antigos — e há albergues que não vão abrir nunca mais — e há princesas, e se não estás tão abatido, estude estrelas — o céu.
Na manhã onde, com Ela, tu te abatias entre estilhaços de neve, esses lábios verdes, os granizos, as bandeiras negras e os raios azuis, e os perfumes púrpuras do sol dos pólos, — tua força.

BÁRBARO

Bem depois dos dia e das estações, pessoas e países,
A bandeira em carne viva sobre a seda de oceanos e flores árticas; (elas não existem.)
Livre das velhas fanfarras do heroísmo — que ainda nos atacam cabeça e coração — longe dos velhos assassinos —
Oh! A bandeira em carne viva sobre a seda de oceanos e flores árticas; (elas não existem.)
Doçuras!
As brasas, chovendo em rajadas de geada, — Doçuras! — os fogos na chuva

de vento de diamantes lançada pelo coração terrestre eternamente carbonizado para nós. — Ó mundo! —
(Longe dos velhos refúgios e das velhas chamas, que se ouve, e se sente,)
As brasas e as espumas. Música, abismos invertidos e choque de flocos de gelo contra os astros.
Ó doçuras, ó mundo, ó música! E lá, as formas, os suores, os cabelos e os olhos, flutuando. E as lágrimas brancas, borbulhantes, — ó doçuras! — e a voz feminina que chega ao fundo dos vulcões e grutas árticas.
A bandeira...

SALDO

Vende-se o que os Judeus não venderam, o que nem a nobreza nem o crime provaram, o que o amor maldito e a honestidade infernal das massas ignoram; o que nem a ciência nem o tempo reconhecem;
As vozes restauradas, o despertar fraterno de todas as energias corais e orquestrais e suas aplicações instantâneas; ocasião única de liberar nossos sentidos!
Vende-se Corpos sem preço, de qualquer raça, de qualquer mundo, de qualquer sexo, de qualquer descendência! Riquezas brotando a cada passo! Saldo de diamantes sem controle!
Vende-se anarquia para as massas; satisfação irreprimível para amadores superiores; morte atroz para os fiéis e os amantes!
Vende-se casas e migrações, esportes, magias e comfortos perfeitos, e o ruído, o movimento e o futuro que eles fazem!
Vende-se aplicações de cálculo e saltos inauditos de harmonia. Achados e termos sem suspeita, entrega imediata,
Impulso insensato e infinito aos esplendores invisíveis, às delícias insensíveis, — e seus segredos enlouquecedores para cada vício — e uma alegria assustadora para a multidão.
Vende-se Corpos, vozes, a inquestionável opulência imensa, que nunca será vendida. Os vendedores têm muitos estoques para liquidar! Os viajantes não precisam ter pressa para entregar as encomendas!

FAIRY

Por Helena conspiraram as seivas ornamentais nas sombras virgens e as luminosidades impassíveis no silêncio astral. O ardor do verão foi confiado a pássaros mudos e a preguiça pedida a uma barca fúnebre sem preço singrando golfos de amores mortos e perfumes esmaecidos.
— Após o instante da canção das lenhadoras, do rumor do temporal sobre a

ruína dos bosques, dos tinidos de sinos de vacas ao eco dos vales, e do grito das estepes.
— Pela infância de Helena sombras e pelúcias arrepiaram, — e o seio dos pobres, e as lendas do céu.
E seus olhos e sua dança ainda superiores, aos brilhos preciosos, às frias influências, ao prazer da cena e dos raros momentos.

GUERRA

Criança, certos céus aguçaram minha ótica: todos os caracteres matizaram minha fisionomia. Os fenômenos me emocionaram. — Hoje, a inflexão eterna dos momentos e o infinito das matemáticas me perseguem por este mundo onde suporto todos os sucessos civis, respeitado pela infância estranha e por imensos carinhos. — Sonho com uma Guerra, de direito ou de força, com uma lógica nada previsível.
Tão simples quanto uma frase musical.

JUVENTUDE

I

DOMINGO

Cálculos à parte, a inevitável descida do céu, e a visita de recordações e uma sessão de ritmos ocupa a casa, a cabeça e o mundo do espírito.
— Um cavalo dispara no turfe suburbano, entre plantações e reflorestamentos, atacado pela peste carbônica. Uma miserável dama de drama, em qualquer lugar do mundo, chora depois de abandonos improváveis. Criminosos desfalecem depois da tempestade, dos porres e porradas. Crianças sufocam maldições nas margens dos rios.
— Retomemos o estudo ao ruído da obra devorante que se expande e sobe das massas.

II

SONETO

Homem de constituição ordinária, não era a carne o fruto suspenso no jardim, ó dias infantis! o corpo, um tesouro para se desperdiçar; ó amar, perigo ou poder de Psique? A terra continha encostas férteis em príncipes e artistas, e a descendência e a raça nos levando a crimes e lutos: ó mundo, vossa fortuna e vosso risco. Mas agora, obra acabada, você, seus cálculos, você, suas

impaciências, não são mais que vossa dança e vossa voz, nem fixas nem forçadas, ainda que um duplo evento de invenção e de sucesso uma razão, na humanidade fraterna e discreta, pelo universo sem imagens; — a força e o direito refletem a dança e a voz, somente agora apreciadas.

III

VINTE ANOS.

Vozes instrutivas exiladas... A ingenuidade física amargamente domada... Adagio. Ah! o egoísmo infinito da adolescência, o otimismo estudioso: como se encheu de flores nesse verão! Árias e formas morrendo... Um coral, que acalme a impotência e a ausência! um coral de copos, de melodias noturnas... Na verdade, nervos velozes saem à caça.

IV

Estás ainda na tentação de Antônio. Brincadeiras de pouco cuidado, tiques de orgulho pueril, o abatimento e o pavor. Mas tu te pões a trabalhar: todas as possibilidades harmônicas e arquiteturais vão se comover ao redor de tua cadeira. Seres perfeitos, imprevisíveis, vão se oferecer às tuas experiências. Em tuas imediações, fluirão em sonhosa curiosidade das antigas multitudes e luxos ociosos. Tua memória e teus sentidos serão o único alimento de teu impulso criativo. Quanto ao mundo, quando tu saíres, o que ele será? Em todo o caso, nada dessas aparências atuais.

PROMONTÓRIO

A aurora dourada e o pôr-do-sol arrepiante cruzam nosso brick ao largo dessa vila e de suas dependências que formam um promontório tão extenso quanto o Épiro e o Peloponeso, ou mesmo a enorme ilha do Japão, ou mesmo a Arábia! Templos iluminados pelo retorno das teorias, das vistas imensas da defesa dos modernos litorais; dunas ilustradas de flores quentes e de bacanais; dos grandes canais de Cartago e os Embankments de uma Veneza duvidosa; a erupção gelatinosa de Etnas e a fissura de flores e águas glaciais; lavatórios rodeados de álamos da Alemanha; declives de parques singulares pendendo das cabeças das Árvores do Japão; e as fachadas circulares dos “Royal” ou dos “Grand” de Scarbro’ e do Brooklyn; e seus railways flanqueiam, cruzam e pendem sobre as disposições deste Hotel, escolhidas na história das mais elegantes e mais colossais construções da Itália, América, Ásia, em cujas janelas e terraços, agora cheio de luzes, de bebidas e brisas chiques, estão abertos ao espírito dos viajantes e dos nobres — permitindo, durante o dia, a todos as tarantelas do litoral, — e até mesmo aos ritornellos dos vales ilustres da arte, decorar maravilhosamente as fachadas do Palácio-Promontório.

CENAS

A antiga Comédia prossegue em seus acordes e divide seus Idílios:

Bulevares de teatro.

Um longo cais de madeira de um canto a outro do campo rochoso onde a multidão bárbara evolui sob árvores saqueadas.

Nos corredores de gaze negra, seguindo os passos dos transeuntes com lanternas e folhas.

Os pássaros da trama se precipitam sobre um pontilhão de alvenaria movido pelo arquipélago repleto das embarcações dos espectadores.

Cenas líricas, acompanhadas de flautas e tambores, se inclinam nos nichos dispostos sob os tetos ao redor dos salões de clubes modernos ou salas do Oriente antigo.

Manobra feérica no alto do anfiteatro coroado de matas, — Onde se agita e modula aos Beócios, à sombra das florestas móveis, sobre a divisória das culturas.

A ópera-cômica se divide sobre o palco no ângulo de intersecção de dez divisórias que se erguem da galeria às luzes.

TARDE HISTÓRICA

Em qualquer tarde, por exemplo, em que se encontra o turista ingênuo, indiferente aos nossos horrores econômicos, a mão de um maestro anima o cravo das campinas; joga-se cartas no fundo do lago, espelho que evoca rainhas e favoritas; há santas, véus, e fios de harmonia, e os cromatismos lendários, sobre o pôr-do-sol.

Ele treme à passagem de caçadas e hordas. A comédia goteja sobre palcos de relva. E o embaraço dos pobres e dos fracos nesses planos estúpidos!

Escrava de sua visão, a Alemanha se projeta rumo às luas; os desertos tártaros se iluminam; antigas revoluções fervilham no centro do Celeste Império; pelas escadas e cadeiras de pedra, um pequeno mundo lívido e chato, África e Ocidentes, vão se edificar. E depois de um ballet de mares e noites conhecidas, uma química barata, e melodias impossíveis.

A mesma magia burguesa onde quer que a mala do correio nos remeta! Até um físico principiante sente que é impossível submeter-se a essa atmosfera pessoal, bruma de remorsos físicos, cuja constatação já é uma aflição.

Não! O instante da estufa, de mares revoltos, conflagrações subterrâneas, o planeta devastado e conseqüentes extermínios, certezas apontadas na Bíblia e

pelas Nornas com tão pouca malícia, e que caberá à gente séria vigiar. — No entanto, isso não será o efeito de uma lenda!

BOTTOM

A realidade sendo espinhosa demais pro meu grande caráter, — me vi na casa de Madame, um imenso pássaro azul cinza voando até as molduras do teto e arrastando as asas nas sombras da tarde. Eu fui, aos pés do sobrecéu que sustentava suas jóias adoradas e suas obras-primas físicas, um imenso urso de gengivas violetas e pelos grisalhos de mágoa, os olhos fixos nos cristais e consoles de prata.

Tudo se fez sombra e aquário ardente. De manhã, — aurora bélica de junho, — corri pros campos, burro, trombeteando e brandindo minha dor, até que Sabinas de subúrbio se jogaram no meu peito.

H

Todas as monstruosidades violentam os gestos atrozes de Hortênsia. Sua solidão é erótica mecânica, sua lassidão, dinâmica amorosa. Sob a vigilância de uma infância, ela tem sido, no verão de numerosas épocas, a higiene ardente das raças. Sua porta está aberta à miséria. Lá, a moralidade desses seres atuais se desincorpora em sua paixão ou em sua ação. — Ó terrível frisson de amores noviços no chão de sangue e transparente hidrogênio! achem Hortênsia.

***

MOVIMENTO

O movimento oscilante nas margens das quedas do rio.
O abismo na popa,
A rapidez da rampa,
A passagem imensa da correnteza
Levam por luzes inauditas
E novidade química
Os viajantes rodeados pelas trombas do vale
E do strom.

Esses são os conquistadores do mundo
À procura da fortuna química pessoal;
Esporte e conforto viajam com eles;

Eles levam a educação Das raças, classes e bichos, nesse navio
Repouso e vertigem
À luz diluviana
Nas noites terríveis de estudo.

pois entre os aparelhos, o sangue, as flores, o fogo, as jóias,
dos registros agitados dessa nave fugitiva,
— Se vê, rolando como um dique além da rota hidráulica motriz,
monstruoso, luz que não tem fim, — seu estoque de estudos;
Impelidos ao êxtase harmônico,
E o heroísmo da descoberta.

Nos acidentes atmosféricos mais imprevisíveis,
Um casal de jovens isola-se na arca.
— É permitida essa selvageria primitiva? —
E canta, se situa.

DEVOÇÃO

Para minha irmã Louise Vanaen de Voringhem: — Sua boina azul voltada para o mar do Norte. — Para os náufragos.

Para minha irmã Léonie Aubois d'Ashby. Bah! — a erva do verão barulhenta e fétida. — Para a febre de mães e filhos.

Para Lulu, — demônio — que guardou um gosto por oratórios dos tempos de Les Amies e sua educação precária. Para os homens!

— Para madame ***.

Para o adolescente que fui. Para o velho santo, retiro ou missão.

Para a alma dos pobres. Para o alto clero.

E também para qualquer culto num tal lugar de culto memorial e entre tais eventos que nos obriguem a se render, seguindo as aspirações do momento ou nosso próprio vício sério.

Esta tarde, na Circeto de altos gelos, pegajosa como peixe, iluminada como os dez meses da noite vermelha, — (seu coração âmbar e spunk), — por minha solitária prece muda como essas regiões da noite, anteriores às bravuras mais violentas que esse caos polar.

A todo preço e em todos os ares, até mesmo nas viagens metafísicas. — Mas não agora.

DEMOCRACIA

"A bandeira se agita na paisagem imunda, e nossa gíria abafa os tambores.

"Nos centros, alimentaremos a mais cínica prostituição. Massacraremos as revoltas lógicas.

"Em países dóceis e picantes! — a serviço das mais monstruosas explorações industriais ou militares.

"Adeus aqui, não interessa onde. Legionários de boa vontade, nossa filosofia será feroz; ignorantes sobre ciência, esgotados pelo conforto; que esse mundo se rebente.

"Esse é o verdadeiro avanço. Em frente, marche!"

GÊNIO

Ele é o afeto e o presente pois abriu a mansão ao inverno espumante e ao rumor do verão, ele que purificou a bebida e os alimentos, ele que é o charme dos lugares em fuga e a delícia super-humana das estações. Ele é afeto e o futuro, a força e o amor que nós, pisando sobre ódios e tédios, vemos passar num céu de tempestades e bandeiras de êxtase.

Ele é o amor, na perfeita medida reinventada, razão maravilhosa e imprevisível, e a eternidade: adorável máquina de qualidades fatais. Sentimos o terror de sua concessão e da nossa: ó prazer de nossa saúde, élan de nossos sentidos, afeto egoísta e paixão por ele, ele que nos ama em sua vida infinita...

E nós o invocamos e ele viaja... E se a Adoração se vai, soa, sua promessa ressoa: "Para trás essas superstições, esses corpos antigos, esses casais e idades. Esta é uma época que naufragou!"

Ele não irá mais embora, nem de novo descerá de nenhum céu, e nem completará a redenção das raivas femininas e das alegrias dos homens e de todo este pecado: porque está feito, ele estando, estando amado.

Ó seus suspiros, suas cabeças, suas corridas; a terrível velocidade da perfeição das formas e da ação.

Ó fecundidade do espírito e a imensidão do universo!

Seu corpo! A liberação sonhada, a explosão da graça invadida por uma nova violência! sua visão, sua visão! Todo velho ajoelhar e as penas se absolvem à sua passagem.

Seu dia! a abolição de todos sofrimentos sonoros e móveis de uma música mais intensa.

Seu passo! as migrações mais vastas que as antigas invasões.

Ó ele e nós! o orgulho mais bondoso que as caridades perdidas.

Ó mundo! cristalina canção de novas sinas.

Ele nos conheceu a todos e todos amou. Saibamos, nesta noite de inverno, de

cabo a cabo, do polo turbulento ao castelo, da multidão à praia, de olhar a olhar, força e afetos lassos, chamá-lo, e vê-lo, e mandá-lo embora, e sob as marés e de cima dos desertos de neve, seguir suas visões, seu sopro, seu corpo, seu dia.